



O ÚLTIMO CARNEIRO DA CONSELHEIRO



ORLANDO CARNEIRO

O ÚLTIMO CARNEIRO DA CONSELHEIRO

Sumário

PREFÁCIO	3
APRESENTAÇÃO	8
A CONSELHEIRO FURTADO	9
A CASA	11
RESPIRANDO AMOR	14
OS CARNEIRO	16
“TIO PT”, O CIDADÃO FAMÍLIA	20
URBANO E RURAL.....	22
ELETORRÁDIO, O PALÁCIO ENCANTADO DA JOÃO ALFREDO.....	26
DONA CÉLIA	28
SOURE CRIANÇA.....	30
ADOLESCÊNCIA.....	32
MERCADO DE TRABALHO	37
A VIDA MUDA DE FOCO.....	46
FELICIDADE.....	53
GALERIA DE IMAGENS	55
TEXTOS SELECIONADOS.....	68

PREFÁCIO

Nesta pequena obra, Orlando conta sua infância e adolescência na casa da família, na rua Conselheiro Furtado, número 616. Assim, narra também um pedaço da história da cidade de Belém do Pará durante as décadas de 40 a 60, uma cidade muito diferente de hoje, idílica e encantadora — em um Brasil também muito diferente.

O autor deste livro dedicou grande parte de sua vida à valorização da história e da cultura da Amazônia — especialmente da cidade de Belém do Pará. Além de sua produção literária, foi responsável pela implantação e expansão da TV e do Rádio nos locais mais inacessíveis da região em uma época de grande dificuldade de transporte, estando à frente da Fundação de Telecomunicações do Pará. Idealizou e implantou o Museu da Eletricidade do Pará e o Projeto de Memórias do Registro Mercantil, que publicou o livro "Marcas do Tempo", editado em parceria com a Secretaria do Estado de Cultura do Pará, destacado com um Prêmio Jabuti na categoria Projeto Gráfico (2016). É também o homem que me criou com carinho e dedicação, meu pai, Orlando Carneiro.

Ler *O Último Carneiro da Conselheiro* não foi apenas uma viagem ao passado de minha família. Foi também um momento de recordação pessoal, pois tive a oportunidade de passar algum tempo naquela casa brincando com meus primos Beto, Renata e Celinha que moravam lá. A casa era impressionante, seja pelo tamanho ou pela localização privilegiada, bem no centro de Belém, próximo à Praça Batista Campos. E tinha ainda o quintal. É até estranho chamar de quintal o que mais

parecia, para uma criança, um quarteirão inteiro, tão grande que era. De tal forma a residência resistiu à modernização da cidade, que ainda continua lá; não mais propriedade da família, porém, ainda de pé e lembrando o ideal amoroso de meus avós Orlando e Célia Carneiro.

Hoje percebo que existia algo de poderoso naquele lugar, não apenas sua construção adornada pelas histórias da família, mas também os detalhes do portão de ferro, dos azulejos e várias outras coisas que registravam o capricho e a força de vontade de meu avô. A casa viu os filhos do casal crescerem, os prédios subirem, o asfalto e os carros se proliferarem pela cidade. Persistiu como se protegesse a família mesmo após a morte do provedor. Todos daquela família inicial já se foram, o casal e os três filhos. O último a partir foi Orlando, o último Carneiro daquela casa da Conselheiro. Antes de ir, e sem saber que iria, pediu que eu escrevesse esse prefácio.

Além da história familiar e do registro histórico, existe no livro a noção de que o passado é importante. Não como melancolia, mas como referência sólida. Minha geração, aparentemente, despreza o passado. Derruba casarões históricos, destrói memórias, constrói prédios cada vez mais altos, tecnologias cada vez mais inovadoras e carros cada vez mais velozes — ainda que, aparentemente, não saiba muito bem para onde ir. O autor deste livro, por outro lado, sempre demonstrou plena consciência do valor do passado. Não como uma velha bússola em um museu, mas como uma bússola que ainda funciona.

Não conheci o meu avô Orlando, e o livro cumpriu o papel de nos apresentar com maior profundidade. Pude então conhecer sua personalidade tranquila, seus valores familiares, sua religiosidade sensata, a preocupação com os filhos e amigos, os cuidados com o lar e o amor pela cidade. O passado esclarece o presente, e assim pude compreender por que não lembro de meu pai e meus tios, criados naquela casa, brigarem entre si ou mesmo levantarem a voz. A criação que eu e minha irmã Daniela recebemos foi reflexo disso. Nosso lar sempre foi pacífico. No caso de meus avós, o passado pode trazer também um ideal humano. Esse ideal foi o legado de toda uma vida com o propósito de edificar um lar onde pudessem criar seus filhos em paz e agradar a Deus. Essa era enorme ambição deles.

Uma das dificuldades na ilustração do livro, conforme as conversas que tive com meu pai, foram as fotografias. Naquele tempo, as fotografias eram poucas e, por isso mesmo, muito especiais. Algumas revestidas de certa solenidade, pois não era comum alguém sair fotografando por aí naquele tempo. Então, não existem muitas imagens daquele tempo, a não ser aquelas poucas fotos protocolares de rosto ou da família inteira, com direito à vestimenta adequada, ornamentos de cabelo e paletó. Por isso, infelizmente, o livro não conta com muitos registros fotográficos. As fotos reunidas pela família estão no fim no livro.

Por outro lado, as imagens que o livro evoca não são tão distantes. O vendedor de cascalhos com seu triângulo de ferro, os trilhos do bonde e os paralelepípedos ainda podem ser vistos pela cidade. Contudo, um casarão com quintal enorme cheio de árvores frutíferas, galinhas, jabutis e

perus, bem no centro da cidade, não é mais algo fácil de ser visto. Uma vizinhança amigável, praticamente familiar, onde as crianças entram nas casas dos outros inocentemente, tornou-se uma cena ainda mais rara. Se imaginarmos que tudo isso ainda era colorido pela exuberante natureza da Amazônia que se mesclava à arquitetura colonial, não é exagero dizer que Belém do Pará era uma cidade encantadora, explicando a paixão de toda uma geração.

De minhas próprias lembranças infantis, ainda recordo daquele quintal com pequenos barracões que incitavam à "pesquisa arqueológica" daquela "civilização antiga" que deixara construções misteriosas. Entre os objetos indecifráveis que encontrei estava um ferro de passar a carvão, na verdade, indecifrável até hoje, pois não entendo como alguém poderia usar aquilo sem estragar tudo. Na casa existia também um relógio de fabricação portuguesa que anunciava as horas de maneira fantasmagórica. Quando minha avó Célia veio morar conosco, trouxe esse relógio. E como eu assumi o trabalho de dar corda e regular, foi vontade dela que após sua morte ele fosse entregue a mim. E assim foi feito. Hoje tenho minha própria família e esse relógio faz parte dela.

Quando eu ouvia as histórias de minha avó, percebia que naquela época praticamente tudo exigia um enorme trabalho manual, e imaginava que a vida dos meus avós era um eterno sacrifício. Mas pensar assim é coisa da minha geração. O próprio fato de eu não compreender aquele ferro de passar pode significar que esquecemos algo importante. A praticidade de nosso tempo torna incompreensível o trabalho dedicado, amoroso e

detalhista dos nossos avós. Era uma vida cheia de sentido e dedicação ao próximo, bem diferente de hoje.

Ah, existia também um pequeno e misterioso barracão em ruínas, mal dava para entrar. Eu era jovem demais para querer investigar seus mistérios antigos. Muito tempo depois descobri que meu tio Américo dava aulas de matemática ali. No meu tempo de criança, a casa já tinha um longo passado que eu ignorava. Hoje, todos os integrantes daquela família inicial já se foram. A casa, surpreendentemente, ainda está lá, até que seja destruída para a construção de algum prédio em nome desse progresso paradoxalmente autodestrutivo.

Orlando Carneiro morreu em 19 de dezembro de 2020, em sua casa, sem dor, na companhia de minha mãe, Nádia, esposa de toda vida. Assim partiu o último Carneiro da Conselheiro. Poucos tiveram a sorte de viver bem, ter uma boa família, amigos, filhos, escrever livros, realizar projetos, participar de um momento mágico da história do Brasil e partir em paz. Demorou bem pouco tempo para que minha tristeza fosse substituída pela inveja.

Fiquei com a tarefa de publicar este seu último livro. Optei pelo formato digital e distribuição gratuita para que a última contribuição literária de Orlando Carneiro seja um presente a todos.

Alfredo Carneiro

APRESENTAÇÃO

Este livro deve ser compreendido como uma homenagem aos integrantes da família que morou na Avenida Conselheiro Furtado 616, em Belém do Pará. Não é biográfico, e, sim, uma homenagem aos meus familiares. Não na sua integralidade, mas em fatos reveladores do perfil de cada um.

Os escritores registram a passagem do tempo. Seus textos às vezes misturam ficção com a realidade e narram histórias pessoais. Como escritor, quero deixar registrada a história dos meus familiares, que é também um pedaço da história de Belém do Pará.

Embates não se encontram na narrativa. Foram muito poucos, e em nada iriam mudar o rumo dos acontecimentos. Claro que existiram, pois é inerente aos agrupamentos humanos a disputa pela liderança entre pais e filhos, irmãos, casais, até que as coisas sejam definidas, muitas vezes sem vitoriosos ou derrotados.

Escrever este livro foi um reencontro.

Orlando Carneiro

A CONSELHEIRO FURTADO

A rua era a Conselheiro Furtado. Não era bem uma cidade interiorana de chão batido e casinhas de sapê ou casa de campo onde eu pudesse compor muitos rocks rurais. Não: a cidade tinha ares de metrópole e tudo indicava que iria resplandecer no universo das capitais brasileiras. Doce ilusão.

A rua tinha paralelepípedos, nome estrambótico para aqueles tijolos duros qual pedras, brancos, pequenos, e remanesciam trilhos da era dos bondes, recém finda. Na arquitetura das casas, em sua diversidade, na largura e no traçado do meio fio e das calçadas, não seria mentira identificá-la como sendo uma rua de classe média ascendente.

Antes havia trilhos, antes havia bondes, mas vou parar nos antes pois em breve vamos ver o índio Guimiaba (*), pelo espaço arborizado que um dia iria se chamar estrada da Conselheiro, que delimitava uma das laterais da praça de touros que funcionou em Belém, lateralizada, entre outros, pelo Largo da Salvaterra (**) e pela estrada, depois Avenida Conselheiro Furtado. (***)

Vou começar no final dos anos 30, com a chegada dos irmãos Américo e Célia, minha mãe, casada com Orlando, meu pai, de sobrenome Carneiro, os primeiros Carneiro da Conselheiro. Da união de meus pais nasceram Américo, Rosa Maria e eu, o Orlando, que mesmo quase encostando nos

dois metros de altura continuei sendo Orlandinho para a família e amigos próximos.

() Guaimiaba era cacique dos Tupinambás e comandou os índios contra os portugueses que fundaram Belém. Foi morto quando resolveram rechaçar os viajantes que vinham de sabe-se lá onde.*

*(**) Largo da Salvaterra era assim chamada uma área pertencente a uma mulher de nome Maria Manoela da Figueira Salvaterra - será que era portuguesa? Ao ser vendida passou a se chamar Praça Sergipe e depois Batista Campos, urbanizada pelo intendente Antônio Lemos, depois reinaugurada por muitos prefeitos, pois um revitaliza e outro a abandona, apesar de ser, sem bairrismos, uma das mais bonitas praças do Brasil.*

*(***) De 1893 a 1913 existiu em Belém uma gigantesca praça de touros delimitada pela Estrada do Conselheiro Furtado, rua Vicente de Fora (atual Serzedelo Corrêa), Mundurucus e Padre Eutíquio. Não, eu ainda não havia nascido.*

A CASA

A casa oferecia conforto aos seus moradores, principalmente pelas “puxadas” que meu pai fez ao longo do tempo. Não, ele não construiu nenhuma laje, para banhos com mangueira fina e água sem força, só as puxadas para ampliação interna do imóvel. Dois pisos, sendo que o térreo tinha 3 salas sociais, uma sala de jantar, cozinha e um inacreditável quarto com porta para a cozinha, outra para uma sala social, e uma janela para a sala de jantar.

Isto mesmo: um quarto rodeado de salas. Esta divisão não foi arquitetada pelo meu pai: já comprou a casa assim. A grande puxada dele foi cobrir uma parte do jardim para aumentar o quarto principal da área íntima, que ficava no segundo andar, ao qual se acessava por uma escada meio encaracolada e assaz perigosa.

Na parede lateral à escada de acesso ao segundo piso, o telefone 1517 que a minha mãe ocupava religiosamente quase toda noite, para longas conversas com a irmã, Enid Barroso Rebello, sentada num dos degraus da escada. Esses telefonemas eram notícia na família: como ter tanto assunto? Nem consigo imaginar como seria o contato entre elas se já existisse *WhatsApp* naquela época.

Depois da cozinha havia um banheiro e cisterna para jogar água na caixa que ficava em cima do telhado. Como havia uma certa correspondência entre os pisos, eis que no andar de cima tinha um outro quarto com porta

e janela para dentro de casa, sendo que a porta abria para uma sala pela qual se acessava também a outros dois quartos: ali ficavam os Carneirinho.

Para apoio, um banheiro completava esta área. Com a puxada que cobriu parte do jardim, o quarto dos pais ficou imenso – meu irmão o apelidou de “campo de futebol”. Era uma suíte, pois tinha um banheiro, e quatro janelões para o quintal e um para o jardim, com acesso visual a uma nesga da rua. O jardim recebeu um piso muito bonito, que meu pai se inchava todo para revelar que era de “lajota Santo Antônio”.

Dois jardins tipo jardineira central recebiam grama e plantas cuidadas semanalmente por um jardineiro, que também era responsável pelo ajardinamento do enorme quintal, que era um capítulo à parte: ia até o muro dos fundos do quintal vizinho de uma pequena casa que dava para a Rua dos Tamoios. Essa casa era o sonho de consumo do meu pai. Provavelmente teria comprado se tivesse vivido mais.

No quintal tinha de um tudo: mutum, aves diversas, muçua, jabotis e um galinheiro. Mas também era perueiro, pois perus tinha. Também era um espaço para esportes, tendo uma caixa de areia para saltos, duas cestas de basquete e um barracão onde jovens poderiam estudar, principalmente os colegas do meu irmão.

A cerca de um lado fazia fronteira com as casas do tio Américo. Do outro, a fronteira era com várias casas, inclusive a dos Santos, Romeu e Mimi, pais do Bernardino Santos, meu amigo até hoje. Acho que ele começou a

me chamar de Orlandinho por puro *bullying*, por saber que era assim que a minha família me chamava, eu não liguei e o bullying saiu pela culatra: ele não conseguiu deixar de me chamar pelo meu apelido familiar.

Eu ia para a casa do Bernardino pulando a cerca que separava os quintais sem ter que andar pelas ruas Conselheiro e Padre Eutíquio, por isso ia de pijama, pois podia dormir no porão onde dizíamos estudar, e onde toda noite chegavam estudantes de outros bairros para as descompromissadas noites de estudo. Todos se formaram, todos guardaram carinho da época. O quintal, cheio de árvores frutíferas, ficou entranhado em minha vida.

RESPIRANDO AMOR

Não era apenas ar, o que se respirava na casa 616 da Conselheiro, entre Padre Eutíquio e Apinagés, ruas, uma do bloco que homenageia as tribos que se anteciparam aos colonizadores e povoaram a Amazônia, e outra, homenagem ao Padre (lógico) que nasceu na Bahia e veio ao Pará. O Eutíquio Pereira da Rocha foi inegavelmente um grande homem, negro que nasceu livre (em 1817) e chegou por estas bandas em 1850. Entre outras coisas, fundou a Loja Maçônica Harmonia Nº 8, que fica na Travessa... Padre Eutíquio, que antes tinha o nome de São Mateus.

Minhas observações infantis não eram precoces o suficiente para saber que era amor o que unia as pessoas daquela casa: os pais, Orlando e Célia, os filhos, Américo, Rosa e Orlando. Na rua, companheiros da época urbana completavam a alegria de viver: os Simões Jorge, sendo o mais próximo o Carlos, filho mais velho; as casas dos cunhados, duas do Américo tio, uma ocupada à época pelos Azevedo, Joaquim e Isa, Maria Bethânia e Joaquimzinho, a segunda pelos tios e primas, os Ferreira do posto *pescadinha*, família ainda em formação; o músico destacado pelas atividades profissionais na noite de Belém, Guilherme Coutinho, um ramo dos Fiúza de Melo, parentes dos meus parentes; os Viana, capitaneados pelo Waldemar e pela Maria Júlia, na casa muito bonita, onde hoje funciona uma agência do Bradesco, bem em frente a dos Carneiro, onde hoje funciona a Conciliação da Dívida Ativa da Secretaria de Estado da Fazenda.

Na Conselheiro moravam ainda os Neves, os Angelino Lobato, os Borborema, e, em outras ruas, mas no entorno, os Chermont, Correia Pinto, Bernardino, da casa com um porão que entrou para a história de vidas pois abrigava adolescentes que, dizem, estudavam em conjunto e que se tornaram amigos por todas as suas vidas, o Raimundinho, que se tornou meu compadre pois batizou a minha filha Daniela, o Sérgio Pontes, os Passarinho Pinto e Souza e muitos outros.

OS CARNEIRO

O PAI

O Orlando pai era uma figura de formalidade transparente. Na maioria das vezes de terno de casimira inglesa branca, quando de traje esporte uma calça social acompanhada de camisa de mangas curtas, porém com cores sóbrias, corte social e, dependendo de para onde se ia, gravata complementando a vestimenta. Acho que ele nunca foi apresentado a uma bermuda. Um pouco mais baixo que a Célia, sua esposa, não se incomodava que ela, quando saiam, ficasse ainda mais alta graças a um salto chamado de “agulha”. Ele nem se espichava. Hoje, à distância, relembro fatos, tenho consciência que tudo de bom que aconteceu na nossa convivência teve como ponto de partida a reciprocidade do amor que aquele casal extrapolava.

A MÃE

A mãe era a Célia. Um dia eu a identifiquei como “a santa doméstica da minha predileção”, e não estava mentindo: a vida era para servir, não para ser servida. Viúva aos 51 anos, com filhos adolescentes, viu-se sem o esteio no qual se agarrava nas dificuldades e se ombreava nas ações. Teve que se adaptar à mudança do perfil familiar que ocorre quando um membro da família, de personalidade forte, cumpre com a grande consequência da vida, que é a morte.

O IRMÃO

O Américo, vulgo mano, era o rebento mais velho, o primogênito. Era 6 anos mais velho que a irmã, e sete que o irmão. Cumpriu os estágios do crescimento: um jovem de 19 anos é muito mais velho que uma menina de 13 e um irmão de 12. Depois esta diferença cai a zero (um adulto de 37 se ombreia a irmãos de 30 e 29 anos) e fica tudo igual. Ademais, o meu irmão foi aprovado para ingressar na academia preparatória militar de Fortaleza e foi morar para lá, voltando apenas nas férias. De lá, emendou com a Academia Militar de Agulhas Negras, ficando, no total, 6 anos morando fora de Belém, retornando para cursar engenharia. Ficamos aqui durante muito tempo sem a companhia do mano. Na sua vida profissional, só no tempo em que foi casado com a Zuleika, sua primeira mulher, por quem tenho um carinho muito grande (até hoje ela me chama de Orlandinho), eles moraram em 13 cidades diferentes pois ele, como engenheiro rodoviário, se transferia para onde tinha uma obra da sua especialidade.

A IRMÃ

A princesinha da casa dos Carneiro era a Rosa Maria. Esquisito digitar seu nome para identificá-la, pois ela era a minha maninha. Nunca a chamei pelo nome, e ela jamais me chamou de Orlando ou, ao menos, de Orlandinho: eu era simplesmente o seu maninho. Meus amigos se referiam a ela como *maninha* e as suas amigas me chamavam de *maninho*. O Américo, por ser mais velho, era o Mano. Reza a lenda que eu, adolescente, reclamei do que achava ser um quinhão maior de atenções dos pais direcionado para ela no episódio do “batizado” da casa que o pai construiu no Mosqueiro, que narro aqui.

Meu pai vendeu um terreno que tinha em Soure, capital da Ilha do Marajó (logo mais falo sobre isso) e construiu uma casa na praia de Ariramba, Mosqueiro. Colocou uma placa: Rosa Maria (cumprindo o costume de dar nome às casas da ilha). A minha mãe gostava de contar: eu deixei de ser Carneiro para ser uma arara. Como, só o nome da filha? É filha única? A mamãe me perguntou como eu achava que deveria ser o nome, e eu disse que era alguma coisa parecida com *Amerrosalando*.

Nem choro nem vela, o nome ficou aquele e todo mundo sabia onde ficava a casa Rosa Maria, perto do pastel do Oliveira. Com o passar do tempo, e a morte da minha infância, percebi que o meu pai estava certo: aquela casa tinha cara de Rosa Maria.

Outra coisa que me deixou adolescentemente encafifado: quando o Frei José de Guadalupe Mojica veio a Belém se apresentar no Teatro da Paz, o pai levou para o espetáculo a Mãe e a irmã. Eu? Não fui nem convidado. Aliás.

Ele era um artista de cinema e, além de tudo, cantor. Homem alto e bonito, arrancava suspiros da mulherada. Sem mais nem menos resolveu ser Frei. Dizem que sua vida religiosa foi deflagrada graças a uma depressão. Como precisava arranjar dinheiro para as obras da instituição religiosa a qual pertencia, teve permissão para continuar cantando. Nunca me dei conta que as críticas que passei a fazer ao Frei incomodavam meu pai. Eu dizia não ter sentido que um homem com “uniforme” de padre se apresentasse num palco cantando. *“Besame, Besame mucho, como si*

fuera esta noche la última vez”. E o padre lá, cantando. Não tinha nem vergonha. Mas meu pai era seu fã, tinha uns vinis dele.

José Mojica era muito querido. Apesar da sua aparência de galã, jamais se ouviu qualquer boato que conflitasse com a vida de religioso. Ele veio em Belém duas vezes e se apresentou no Teatro da Paz: em 1950 e 1957. Casa cheia em ambas as apresentações. Em uma, acho que em 57, pois a irmã estaria com 15 anos, menina moça que podia ir ao teatro.

EU, ORLANDO LÚCIO, BATIZADO E DIVIDIDO

Para completar a relação dos Carneiro habitantes da Conselheiro, falta o que vos escreve. Sendo este texto uma homenagem às quatro criaturas que estão relacionadas entre os grandes amores da minha vida, não vou me homenagear, e que seja visto através das palavras que escrevo. Apenas direi que o meu nome de batismo é Orlando Lúcio, filho de Orlando e Célia – é assim que está na minha certidão de batismo.

No registro civil tiraram o Lúcio, fiquei só Orlando. Como eu fui batizado com este nome, alguns conhecidos me chamam de Orlando Lúcio. De vez em quando me apresento com este nome composto, para estranheza de uns tantos.

"TIO PT", O CIDADÃO FAMÍLIA

O Orlando pai talvez tenha sido o cidadão mais família que eu conheci. Parecia, a quem não o conhecia, um sujeito fechadão, e de uma certa forma era, mas na intimidade se soltava mais e mostrava ter humor inteligente, sempre atento ao que o cercava e disposto a ajudar. Seu apelido tornou-se “tio Pt” para os sobrinhos.

A explicação para o apelido era que o pai dele, este sim, seco e meio sem jeito de ninar filho, quando passava pelo berço do menino, olhava e ficava repetindo “Pt, Pt, Pt”. Logo virou apelido que levou por toda a vida. O outro apelido era “Tanaka”, no comércio, somente proferido às escondidas dele, pois diziam que era parecido com um japonês. Mas eu discordo: era parecido com um índio que lembrava, malmente eu diria, um japonês.

Unanimidade na benquerença geral, teve a sua vida interrompida muito cedo. Se, como afirmei, durante um certo caminhar a vida teve um capítulo de generosidade, foi cruel no seu final. Ele morreu em 1958, perto das festas de Natal, que ele tanto amava, aos 55 anos de idade, pleno, feliz. Eu tinha na época 15 anos.

A vida tem, sim, suas crueldades: só me permitiu uma dezena e meia de anos conviver ao lado de uma das mais fascinantes criaturas que conheci, e que se impunha à admiração de todos pela sua liderança, solidariedade

e capacidade de empreender. Claro que de vez em quando havia embates: afinal, eu estava com, quase dois metros, sem nem 70 quilos, magro que nem a peste, se fosse verde seria um ET, querendo ocupar espaços.

Mas aqui a proposta não é fazer biografias, e eu só as entendo se retratar as duas faces, a boa e a má, pois se não for assim vira um ilusório tratado de elogios, e, sim, homenagear e registrar a passagem da minha família pela aventura chamada vida. Também não quero ser louvaminheiro. A verdade é que tenho orgulho, entre outras coisas, de ser filho do “Tio Pt”, do “seu Tanaka”, e, principalmente, do Orlando Dias Carneiro, meu pai.

URBANO E RURAL

Digo sempre que o ser humano é múltiplo. *“O homem é vários”*, escrevi certa feita em algum texto meu, que não lembro onde nem vou procurar pois teria que ler mais de dez livros em busca de uma frase curta. Dentre as facetas em que se dividem os homens, uma bem marcada é relacionada à ambientação: rural, urbano, ou, o que é mais raro, as duas faces entranhadas. Meu pai era desta mescla.

Quando urbano, gostava das ferramentas da civilização, de ler jornais, das facilidades oferecidas pelas modernidades tecnológicas que iam sendo lançadas no mercado e que ele acompanhava na sua faina de comerciante atento: gás de cozinha, geladeira elétrica, pasme-se, que aposentava a compra de gelo vendido na porta de casa pelas carroças e as geladeiras a querosene, latarias, um potente transformador colocado nos eletrodomésticos para impedir a ação da montanha russa da energia elétrica queimadora de motores, um rádio Transglobe Philco que ele dizia orgulhoso que “pegava até pensamento”, um gerador elétrico e uma vitrola.

Até nos brinquedos meu pai se esmerava em mostrar que estava atualizado: eu tive um pião musical e um jogo de perguntas e respostas que consistia em um quadrado cheio de buracos onde a gente inseria pinos de dois em dois. Se os pareasse corretamente, fechando o circuito, uma luz se acendia, pois era elétrico, um dos primeiros que conheci com pilhas. Percebi que os circuitos eram fixos, o que mudava era o papelão de

cima, que expunha a matéria: perguntas de matemática, história e geografia, além de outras. Eu acertava todas, mesmo sem ter a menor ideia da resposta, pois decorei os circuitos que estudara solitariamente com afinco, como se coisa séria. O pai ficava admirado do nível de aprendizado do filho: como é inteligente, este menino.

Minha irmã, Rosa Maria, apesar de mais estudiosa, não acertava tanto quanto eu as matérias que iam se sucedendo no quadrado de perguntas. À medida que o tempo passava, eu ia assumindo um ar de genialidade incontestada e universalmente aceita, com direito a exposições “públicas” onde eu ia aprimorando a minha capacidade de representar, derrotando adversários mais velhos (o meu pai promovia disputas) que odiavam aquele fedelho inteligentíssimo.

Uma vez, como eu não tinha a malemolência dos enganadores para sustentar tanto tempo uma enganação, em manifesto ato falho deixei escapar a repetição de pareamento dos circuitos, o pai percebeu que fora induzido a erro e nunca mais brincou comigo. Tive que ouvi-lo ensinar que *trapaça Deus condena. O castigo vem a cavalo*. Gênio? Mas quando...

O “Seu” Orlando, comerciante em ascensão, junto com o sócio Raul Pinto e Souza, também era chegado às coisas do ruralismo. Isso o levou a comprar o terreno na quinta rua de Soure perto da Igreja de São José. O terreno era um quarteirão inteiro, cheio de frutíferas, tendo a propriedade recebido o nome de “Santa Fé”. Este era o terreno de Soure que depois foi vendido para construir a casa do Mosqueiro.

Ali eram os finais de semana dos Carneiro e de quem mais quisesse ir, ele espalhou pela casa e quintal armadores de rede, quem quisesse podia ir e levar uma rede que tinha dormida e alimentação garantidas. O pai deitava numa rede armada entre duas árvores, e se impulsionava com uma vareta de artesanato famosa onde havia desenhos marajoaras e estava escrita em caixa alta e visível a palavra "Soure", se embalava longo tempo, quem sabe deixando que voassem os pensamentos, refazendo suas vitoriosas caminhadas.

Soure era um paraíso dos jovens. A onipresença dos pais, comum em Belém, era abrandada na Ilha. E eram folguedos infantis varando os dias. De repente, um futebol de fim de tarde levantando a poeira do chão. Havia bola de gude; havia um jogo de ferrinho que não lembro o nome, criando desenhos no chão batido, encurralando o *inimigo*, além do papagaio (pipa, para outros) e da baladeira (estilingue para resto do Brasil). As baladeiras eram presente do padrinho Afonso, feitas em edição especial para o afilhado pelo torneiro da Phebo, onde ele era diretor, e eu era o que mais usava as ditas cujas, além de piões, botões de celotex e ioiôs igualmente presentes do padrinho Afonso, um dos meus tios preferidos.

A madrinha Olga preparava um jabuti ao leite de coco que era uma delícia. Claro, a época era outra, inconsciente da necessidade de sobrevivência de espécies, ambientalismo, essas coisas. Jabuti que não corresse ia pra panela.

As meninas em Soure se deleitavam com o artesanato aprendido na ilha, de colares e pulseiras feitas com as sementes muito bonitas e coloridas de um arbusto que era abundante na praia do Mata Fome, sementes estas que tinham o belo nome de Lágrimas de Nossa Senhora. As primas, ao voltarem para Belém, ostentavam as suas próprias criações.

Outra fascinação que eu tinha em Soure: bem no meio da nossa área da quinta rua tinha uma árvore de pau mulato, onde se instalou um imenso condomínio de *milhares de japiins*, ave de beleza discreta, com suas cores de belo contraste, preto e amarelo, barulhentas e trepidantes. Eram, eu mentia pensando ser verdade, *milhares* de ninhos. Fim de tarde os ninhos balançavam perigosamente quando o vento aumentava, mas a aves não erravam a porta de entrada de cada um. O pai cantava a pedra: nada de pedra em nenhum dos pássaros. Quando o tio Pt falava, estava falado.

Um episódio, para mostrar o humor e a disposição para ajudar do Orlando pai. Em Soure, um cidadão lusitano pediu que ele cedesse um canto do terreno para colocar uma padaria, até que arrumasse uma casa em rua mais densamente habitada. Pedido feito, pedido aceito. O português era o fornecedor de pão para casa. Em Belém, o preço do alimento matinal disparava. Em Soure, o tempo passava e o preço continuava o mesmo. Explicação do pai: *“os padeiros de Belém tinham que estudar economia com o padeiro de Soure. Ele consegue manter o preço dos pães. Só diminui o tamanho”*. Era verdade: os pães da padaria do canto, como a chamávamos, eram cada vez menores, se diminuíssem mais um pouco virariam bolachas.

ELETRORÁDIO, O PALÁCIO ENCANTADO DA JOÃO ALFREDO

A vida teve um período de generosidade com o meu pai. Graças à inteligência, trabalho e seriedade, junto com o sócio por toda a vida, Raul Pinto e Souza, saiu de um estágio difícil e plantou alicerces no comércio da cidade, quando ambos administraram a “Eletrorádio Sociedade Anônima, o Palácio Encantado da João Alfredo”, que reverberava nas tardes de sábado no “Programa Pagão”, do produtor de rádio José Pina, na Rádio Clube do Pará.

Meu pai era uma escola de vida. Trazia a experiência da sua caminhada para as conversas descompromissadas, onde sutilmente espriava gotas de sabedoria. *“Para falar de pobre tem que ter experimentado a pobreza. Os outros são teóricos”*; *“A política deveria unir os homens através do debate de ideias, mas a luta pelo poder os fanatiza”*. E por aí vai. Algumas histórias ele dizia que *“aconteceu com um amigo”*, mas eu sempre achei que foi com ele. Minha mãe, quando eu indagava, dava um sorriso de Mona Lisa e a coisa ficava na base do dito pelo não dito. Uma delas, reproduzo abaixo.

Um menino pobre, mãe e irmãos. O menino, todo sábado, saía da sua casa para ir fazer pequenos serviços na casa de um “padrinho”. Capinava, comprava tacacá, ia à mercearia, lavava as lajotas. No fim do dia, era aquinhoadado com, digamos, 10 cruzeiros (os números são imaginados,

tantas as mudanças da moeda nacional) que ele, após retornar para casa, entregava à mãe. Ela, que ganhava umas diárias em casa de bacanas, dizia aos rebentos: *“vocês um dia vão comer filé. Eu comi numa casa onde lavo roupa, e garanto: não há carne melhor. Pena que seja muito cara.”*

Um dia, o jovem trabalhou mais que o de sempre, o “padrinho” estava de excelente humor e deu 20 cruzeiros, ao invés dos 10 semanais. O menino passou pela frente de um açougue e veio à lembrança a frase que martelava seus sentidos: *“um dia vocês vão comer filé”*. Entrou, comprou 10 cruzeiros de filé (*“tens certeza que queres só 10? É quase nada”*, disse o atendente. *“É”*, respondeu o menino). Com o filé, foi para casa. Entregou a pequena amostra de carne para a mãe. *“Tu estás louco, filho. Os 10 cruzeiros vão fazer uma falta danada”*. *“Não, mãe”* (Sintam o orgulho), *“Os 10 cruzeiros estão aqui”*. Alegre, a mãe foi pedir condimentos emprestados na vizinhança. *“Pobre tem pouco, mas é mais solidário que rico. Rico guarda para não usar, pobre dá o que não usa”*, dizia meu pai. Quando a mãe voltou com cheiro verde, coentro, sei lá o que mais, teve uma triste visão: de um gato adentrando a mata do quintal da casa, levando consigo o filé que o felino suburbano comeu antes que aquele menino e sua família. *“Para falar de pobre tem que ter experimentado a pobreza. Os outros são teóricos”*.

DONA CÉLIA

Minha mãe costumava reunir senhoras às quintas-feiras para um papo amigo centrado na religião, e que de vez em quando eram visitadas por um sacerdote para orientar estudos. A reunião terminava com a “Hora do Ângelus”, da Rádio Clube do Pará, ouvida no Transglobe Philco. Encerrada a oração com a voz empostada do locutor dizendo a frase que se tornou pilar das minhas orações e alicerçou o meu Marianismo: *“seja mais este dia, todo em louvor à Maria”*. E tome bolachas cream cracker, biscoitos champanhe, sequilhos e café, xícaras indo lentamente à boca com o dedo mindinho levantado para mostrar educação ilibada, tudo sob o olhar atento do Totó, um cachorro diferenciado que tomava conta da casa. Ele foi dado à família pelo vizinho, Fernando Ferreira, e sua esposa, Dona Carmem.

O cachorro, que recebeu em casa este nome inédito, criativo e inventivo de Totó, tinha as suas maluquices: uma, era o relações públicas da casa, pois fazia festa a quem chegasse, mas atacava violentamente quem ia embora, tendo que ficar preso antes das despedidas para conter o seu instinto assassino. Outra: não gostava e nem deixava que o banhassem, mas de repente ia para baixo de uma torneira no quintal e latia até ficar louco ou rouco para que alguém lhe desse banho.

Meu pai, quando chegava às quintas-feiras, trazendo pão da Palmeira, e uma ou outra lataria, falando com sua voz firme e decidida — CÉÉÉÉÉLIA. Ele tinha uma voz muito bonita, repetia infundamente: *“Houve reunião da*

VAC?". VAC era uma brincadeirinha só entre os dois, e significava: Velhas da Ação Católica.

Célia Carneiro era uma criatura que não tinha na garganta volume alto: jamais alterava a voz, mesmo nas horas de reprimendas. Professora por formação estudantil, dava aulas de inglês por puro diletantismo, tipo terapia ocupacional. O primo Aurélio Barroso Rebêllo (Aureliozinho) conta que nas temporadas de Mosqueiro ela gostava de sentar na enorme mesa de jantar que viajou de Soure para Mosqueiro e reforçar o estudo de inglês do primo que, por ser filho do Aurélio, marido da Enid, era mais um "inho" na família cheia de "inhos" e "inhas", pois tinha ainda o Bequinho (apelido familiar do meu irmão Américo, posto que sobrinho do irmão da mamãe, Américo, mais conhecido como Beco), o Afonsinho, filho do Afonso, além do Arturzinho, do Paulinho, da Rosinha, da Olguinha, da Celinha, da Elizinha, da Amelinha, do Orlandinho, e por aí vai.

Após o falecimento do Orlando pai, ficou no comando da casa. Ela vencida pela candura. Conheci poucas mulheres com a sua inteligência (ela foi premiada com a medalha Samuel MacDowel por ter se formado na Escola Normal em primeiro lugar geral no curso para magistério). A sua geração, da primeira década do Século XX, trouxe consigo um conservadorismo arraigado, porém, sem calhordices e fingimentos, e ela teve que enfrentar a mudança de valores pela qual a minha geração tanto lutou, principalmente a partir de 1966, com os estudantes franceses sinalizando novos tempos, as mulheres queimando sutiãs em um movimento libertário.

Soure CRIANÇA

A chegada a Soure era complicada. Não havia trapiche, navios ficavam ao largo, crianças, senhoras e idosos deslocados em barquinhos, carregados alguns metros até a parte seca da praia por jovens que ganhavam seu dinheirinho na faina. Sempre cuidadosa com os filhos, minha mãe nos besuntava com uma gororoba branca e caminhávamos até à propriedade da família chamando a atenção de todos os que se deparavam com aqueles jovens “caiados” andando pelas ruas. A gororoba, que tinha base em óleo de cânfora, de perfume tão intenso que iniciava muito gostoso e virava um horror, limítrofe ao fedor, era para evitar que as mutucas nos lincinhassem. Mas elas sempre deixavam seu cartão de visita.

Quando eu recebi, anos mais tarde, o título de Cidadão de Soure, por ter dedicado o meu primeiro livro, *Paraguanes*, a Soure, onde se desenrola boa parte da história que conto, disse no meu agradecimento na Câmara Municipal, em inesquecível cerimônia, com a presença da Nádia, de nossos filhos e da maninha, que o sangue que corria nas minhas veias era sourense, pois as mutucas levavam todo o que eu tinha, e que era substituído pelo que reocupava minhas veias. Como o novo sangue nascia em Soure, o meu sangue é sourense.

Soure entrou definitivamente na história de minha vida. Como escritor, vários de meus textos foram dedicados à bela cidade Marajoara, inclusive

explicando a origem do nome da cidade, que ecoava o de uma cidade portuguesa e que esta, quando romana, se chamara “Saurium” (crocodilo, jacaré, em latim) evoluída para Soure. Também registrei a história que ouvi quando criança, que Soure havia sido planejada pelo arquiteto paraense Aarão Reis (foi deputado federal pelo Pará), o mesmo que planejou a cidade de Belo Horizonte. Com um detalhe: Soure teria sido planejada *antes* que BH, que tem o título de Primeira cidade Planejada do Brasil.

Eu gostaria que os estudiosos tirassem a limpo essa história, para dar a Soure o que é de Soure. Talvez seja apenas mais uma história, afinal, cresci ouvindo histórias de fim de tarde sobre Soure, como esta: dois representantes do baronato marajoara compraram os primeiros carros a percorrer as ruas da “capital da ilha”, com a altivez dos donos do mundo. Morreram no primeiro desastre da cidade, quando os dois únicos carros colidiram em uma esquina.

Também registrava o linguajar local, para decodificar narrativas, como a de um pescador informando que uma baleia *muito da enorme* morrera encalhada *deconfronte a croa, nailharga da croinha*, traduzida a informação que uma enorme baleia morrera ao encalhar próxima à ilha da coroa, ao lado da ilha da coroinha.

Escrevi certa feita uma crônica, onde lamentava o afundamento do navio Presidente Vargas, que apelidei de “*Titanic Marajoara*” que fazia a viagem Belém/Mosqueiro/Soure.

ADOLESCÊNCIA

Se Soure foi a infância, Mosqueiro foi o período da pré-adolescência e orfandade paterna. Foi nas festas da noite, sempre animadas, sob o olhar atento de mães e pais para que tudo seguisse a cartilha do conservadorismo reinante, que eu quase aprendi a dançar. No Ariramba, Mosqueiro, havia as festas dos Leite, havia as festas do Vergel.

Havia as pernadas à pé. O primo José Emílio Fiuza, especialista em assustar bandos de jovens, aparecia do nada no lusco fusco da rua mal iluminada coberto com lençol e resultando na fuga do bando, como se ratos se deparassem com um gato à sua frente.

Na praia do Ariramba, creio que em 1956, eu encontrei, bem cedo, o Luis Carlos Rocha, meu amiguirmão desde este tempo, mais conhecido como Bolão (acho que até ao ser chamado de Dr. ele é o Dr. Bolão), e ele estava brincando sozinho com uma bola de seringa, brinquedo top de linha da infância dos amazônidas, feita de látex. Como o látex é de uma árvore conhecida como seringueira, a fornecedora da matéria-prima da borracha que teve um ciclo de grande fornecimento ao mercado internacional, gerando o chamado “ciclo da borracha”, de grande bonança à Amazônia, a bola, um dos subprodutos do látex, era conhecida como bola de seringa.

Começamos a andar na praia chutando a bola um para o outro, eu usando toda a minha capacidade de concentração adquirida após longos 18 anos de aprendizado, apesar de eu ainda ter 13 anos, para conseguir acertar

com o pé na bola. Eu era um amarrado total. De repente, o Bolão, sem querer, pisou na bola e caiu desastradamente, quebrando o braço.

Só nós dois na praia, eu com os meus 13 anos e ele por aí assim, meros meses mais velho. Ajudei-o a se levantar, e fomos para a casa de um senhor que era médico, onde ele foi atendido com a colocação de uma bandagem provisória e depois voltou para Belém. Acabaram as férias para ele? Doce ilusão – só quem não conhece o Bolão. Com o braço engessado ele voltou. Acho que até mergulhar após as peladas praianas ele mergulhava e depois secava o gesso no sol poente. Basquete ele jogava só com uma mão, a outra não fazia falta.

Antigamente o período da semana santa era consagrado a se refletir sobre a paixão de Cristo, diferente de hoje em que poucos pensam no fundador do cristianismo e muitos cultuam a cerveja amiga. A partir da quinta-feira, um ar de luto pairava sobre todos os ambientes com as pessoas se recolhendo à reflexão. A sexta-feira era de silêncio quase absoluto, janelas frontais fechadas durante as três horas da agonia em sinal de respeito e luto. Tudo fechado, praia completamente vazia — nem ateu ia.

Mas todos esperavam o chamado *fim das três horas da agonia* para extravasar a alegria de estar naquele ambiente tão gostoso com poucos carros, pois a estrada não havia sido construída ainda, difícil levar carro para a ilha. As famílias tinham que almoçar antes do sermão irradiado pela Rádio Clube do Pará, “a voz que fala e canta para a planície”, que entrava no ar somente ao meio dia para levar aos ouvintes a palestra sobre a Paixão de Cristo, acompanhada em quase todas as casas.

Joaquinzinho Bastos estava na casa da sua família no Ariramba, e os Carneiro na Rosa Maria. Pois ele e eu fomos para a ponte onde vendem peixes, e conseguimos, não lembro como, uma canoa para dar umas voltas na dita cuja. E fomos. Nos distraímos olhando a vegetação e remando distraidamente, e não percebemos o passar do tempo. Resultado: eu cheguei em casa no meio das três horas da agonia. Meu pai em pé, na porta da casa. E eu imaginei a hecatombe que se avizinhava. Ele deve ter dito que eu estava chegando, e minha mãe veio lhe fazer companhia. Pensei que o tapa que jamais levei ia fazer a sua estreia triunfal naquele dia, sob a defesa pálida da mamãe.

Que nada: fui recebido com candura, o pai dizendo que estavam todos preocupados, pois sabiam que eu não faria isto de propósito, após ouvirem as minhas justificativas. Foi um alívio, o meu. Fui servido carinhosamente na casa onde se ouvia a palavra do sacerdote explanando as quedas de Cristo, e eu pensei que Ele intercedera para que o final da aventura fosse feliz. Eu mentira, dizendo que na volta para o ponto de partida, a maré ficara forte, o que nos levou a demorar mais que o previsto.

Se meus pais soubessem que era mentira, teriam com certeza dito: *tua cara nem treme. Cuidado, a mentira tem perna curta. Mente que nem sente*. E finalmente o arremate materno: *a gente fala com ele e parece que está falando com um pedaço de pau: o conselho entra por um ouvido e sai pelo outro*.

Houve outro episódio de atraso. O Fernando Fiuza, meu primo e eu, fomos para a praia do Chapéu Virado onde estavam uns parentes nossos. Nos atrasamos e voltamos a pé, o que estendeu mais o tempo. O Fernando vinha choramingando: *“o tio Pt deve estar brabo. Está escrito no céu, que vamos ouvir aquela esculhambação”*. E vinha repetindo, choroso: *“Está escrito”*.

Chegamos em casa e o pai estava dormindo. Mais tarde, a gente estava conversando e o tio Pt passou por nós e disse: *“demoraram, não foi? Quase passaram por baixo da mesa”*, e foi andando. Olhei para o Fernando e ele disse: *“apagaram”*.

Outra narrativa envolvendo meu pai. Desta vez com Fernando Acatauassú, que hoje chamo de *“meu primo por antiguidade”*, tanto tempo tem que é casado como minha prima Graça. O Fernando e a Graça colecionam bodas de todos os minerais, incluindo prata, ouro e diamante. Pois o Fernando me contou que o tio Pt, em conversa com ele, pouco antes do seu casamento com a Graça, deu-lhe um conselho: *“nunca deixe de dar boa noite à sua mulher antes de dormir, aconteça o que acontecer”*.

Seria impossível não ter orgulho e saudades de pais como Orlando e Célia Carneiro.

O tempo foi bom até a morte do meu pai, próximo ao Natal de 1958. Nem Mosqueiro nem eu voltamos a ser como antes. A casa Rosa Maria continuou a ser frequentada pela família. Irmãos ficaram mais unidos

pelos umbigos, mas os primos — não era regra geral, claro — cresceram e se afastaram para trabalhar e cuidar de suas próprias famílias.

As responsabilidades de se inserir no mercado de trabalho ocupavam o tempo e criavam novas tribos e espaços. Filhos resultavam em novos núcleos familiares. Claro que os reencontros são sempre prazerosos, mas o passado se confinou no seu nicho exato: passado. A missa do galo nunca mais foi a mesma, até sumir do contexto de muitos na ceia de Natal cheia de parentes na Conselheiro, antes comandada pelo seu Tanaka. O meu natal só voltou quando eu virei o Papai Noel dos meus filhos.

Meu pai levava a religião a sério. Jamais faltava à missa dominical, e os filhos tinham que acompanhar o casal ao Colégio Santa Rosa, para assistir aos ofícios religiosos. Como o meu pai colaborava com as irmãs dirigentes do Colégio, onde assistia à missa, elas lhe doaram um genuflexório onde se lia *Orlando Carneiro*, que só por ele podia ser usado. À distância, fico imaginando o sentimento de satisfação daquele homem que tinha um genuflexório personalizado, onde seus joelhos dominicalmente se prostravam em humildade para agradecer as suas múltiplas conquistas.

Depois da missa, Bernardino, Raimundinho, eu e a maninha éramos levados pelas respectivas mães para um passeio no Zepelim, um ônibus de madeira, quente, desconfortável, parecido um charuto, mas apresentado como uma revolução.

MERCADO DE TRABALHO

1959 trouxe consigo uma nova realidade. Sem o provedor da família, as finanças tiveram uma drástica redução. A equação casa, comida e roupa lavada não sofreu abalo, graças aos cuidados do meu pai: para outras coisas, porém, houve a necessidade não declarada mas perceptível que cada um se virasse.

Meu irmão, acadêmico de engenharia, arranhou emprego no DER (Departamento de Estradas de Rodagem), não sei se emprego mesmo ou estágio, se ocupou e tinha salário, mas o poder aquisitivo era melhor que o de hoje, até pelo raquitismo do mercado de consumo, fazendo com que qualquer salário valesse a pena. A minha irmã se empregou na Universidade Federal do Pará, que a esta altura ocupava uma casa onde hoje é o Museu da UFPA, na Governador José Malcher, que ainda ostentava o nome de São Jerônimo.

Eu estudava no Colégio Moderno, tinha 16 anos, sem grandes perspectivas (ou mesmo nenhuma) de colocação no mercado de trabalho. Minha irmã, ao receber seu primeiro salário, me deu uma ponta e disse que iria me dar mensalmente aquela quantia, como se mesada, até que eu tivesse condições de me empregar. Isto doeu, pois de repente eu achei injusta a situação e queria a minha independência. Apesar da gratidão, que tenho até hoje, pela sua iniciativa, eu não me senti bem com a oferta, pois ela era só um ano e um mês mais velha que eu, injusto que dividisse

um quinhão conseguido com trabalho diário, com aquele galalau de quase dois metros, na real, um desempregado.

Mas o que fazer? Jesus, Maria e José, minha vida vossa é, me ajudem. Divino Espírito Santo, providenciai. Sagrado Coração de Jesus, providenciai. Seja mais este dia, todo em louvor a Maria. Santa Terezinha do Menino Jesus, a quem fui consagrado ao nascer, minha madrinha, olhai por mim. Acho que eles me ouviram: li num jornal, assim meio que sem mais nem menos, que uma nova rádio iria se instalar, (era a rádio Guajará) e ia fazer teste para locutores, pois queria sete profissionais do microfone, e era coisa “para já”, pois ia trabalhar em caráter experimental, que seria breve.

Nunca havia passado pela minha cabeça ser locutor, mas fui lá e me inscrevi. Eram 146 inscritos. Disse em casa que ia tentar, mas acho que não fui levado a sério. Eu era muito novo, experiência zero em trabalho. Acontece que eu tinha aulas de português com a Professora Célia, ela própria, e lia bem, pois no curso da Professora Dodó (Teodora da Cruz Viana) e no Grupo Escolar José Veríssimo havia aulas de leitura e interpretação de texto com excelentes professoras. A minha voz tinha deixado há pouco tempo o arranhado da adolescência e ficara, diziam, parecida com a do meu pai.

Chegou o dia do teste. Eu era com certeza o mais novo. E o mais alto. Um a um todos foram chamados para um primeiro teste, de voz, fazendo a leitura do prefixo da emissora. Alguns dias depois, os que tivessem voz que os julgadores considerassem boas para microfone seriam chamados

para a leitura de um noticiário, como se “no ar”. Fui um dos chamados. Lá fui eu, disposto a ficar calmo nem que fosse na marra, santinho de Maria no bolso, ideia da minha mãe e li a matéria dada.

O resultado dos examinadores Linomar Bahia, Jayme Bastos e Gelmirez Melo e Silva seria publicado dias depois no mesmo jornal do edital de inscrição. Eu ficava ansioso todo dia, à espera do jornaleiro. Fui aprovado. Quando bem cedo de uma ensolarada manhã li no jornal o meu nome e de mais seis sendo chamados para que se apresentassem na emissora para “imediato” início do trabalho, exultei de alegria: afinal, havia perspectiva de emprego. Lá em casa parecia que alguém passara no vestibular, mãe e irmãos unidos em abraço sincero. Os outros seis aprovados eram realmente bons, os julgadores sérios, o que valorizou a minha aprovação, e eu, que jamais pensara em ser locutor, entrei de cabeça na profissão.

Passamos por um período de treinamento e no dia 06 de junho de 1959 eu estreava oficialmente na minha primeira e mais prazerosa profissão: radialismo. Aquele emprego direcionou minha vida. Foi uma porta que se escancarou. Se anônimo no Colégio, por exemplo, passei a ser chamado para pedidos de recados que estudantes mandavam para quem quisessem, em um programa que eu apresentava diariamente ao meio dia, faziam pedidos de música. O professor Philadelpho Cunha, assim que comecei a participar das transmissões da rádio, *assinando* o meu nome nos programas que fazia, registrou o fato na sala de aula do colégio Moderno e pediu aplausos “para o locutor Orlando Carneiro”, para minha

surpresa e, porque não, meu primeiro contato real com o diferencial da área que eu começava a ingressar, que era o alcance público da profissão.

Um dia, pouco depois da minha “estreia” foi publicada em uma coluna especializada em notícias de rádio que “com o ingresso do (bom) radialista Orlando Carneiro na Rádio Guajará, o também radialista Carlos Benedito perdeu a posição de maior locutor do Pará. Orlando Carneiro tem quase dois metros de altura”. Quase tive uma vertigem. A importância das rádios, na época, e a sua popularização, pode ser compreendida ao se saber que a TV ainda não existia em Belém, e rádio era o principal veículo de entretenimento e informação.

A Guajará era uma espécie de FM na AM, principalmente durante a sua fase de experiência. Vamos que vamos. Confesso que era prazeroso andar pelos corredores do Colégio Moderno e de repente ouvir um “Carneiro, podes colocar um recado meu na rádio?”, eu responder positivamente e em pouco tempo ser praticamente conhecido e contatado por quase todo o colégio. Como sempre, fui fiel às amizades, tenho muitos amigos daquela época até hoje. Lembro que um dia, logo depois de começar a fazer alguns programas na rádio, fui com a minha mãe à casa da tia Enid Barroso Rebello, chamamos um carro de praça (ainda não existia taxímetro, logo, não era táxi), e eu falei o endereço da tia. O motorista, tão logo falei, perguntou se eu era o “Carneiro da Guajará”, pois havia reconhecido a minha voz, que ele ouvia na apresentação de um programa “que ele e a família acompanhavam todo dia”. Era. A minha mãe teve uma sincera expressão de satisfação e a sua reação ufana foi emocionante para mim. Aliás, quando ela estava feliz, sussurrava sorrindo: “Huuuummmm”.

Em 1961 entrou na rádio um jovem locutor, para fazermos juntos o jornal das 07 horas: João Bernardino Drummond Martins, que iria se tornar um dos meus maiores amigos ao longo da vida, até hoje, um dos que classifico como “amiguirmão”. Tenho uns tantos, da Conselheiro e arredores, do Colégio Moderno, dos trabalhos profissionais.

O radialismo foi a porta de entrada para tudo o que se desenrolou profissionalmente na minha vida, consequência daquele 6 de junho. Eu, que estava me preparando para o vestibular de Direito, carreira que parecia ser o meu destino, conheci as variantes da comunicação e com elas sobrevivi. Tudo bem que um acidente mais uma vez mudou meus rumos. Em agosto de 1959, após o encerramento das transmissões, que eram à meia-noite, o carro que ia distribuir os profissionais que estavam trabalhando nas suas respectivas casas, bateu forte em uma árvore e eu tive um braço quebrado, com direito a fratura exposta, três cirurgias, sendo a última no Rio de Janeiro e tudo mais.

Eu era desde bem novinho jogador de basquete, primeiro do Paysandu, na categoria infantil, e depois no Clube do Remo, quando ia jogar nos juvenis. O mundo perdeu um jogador de basquete, ruim paca e que não fez falta, eu perdi a etapa de exercícios físicos, mas despertou em mim o leitor compulsivo, para ocupar o meu tempo. Fui para a TV Marajoara logo que ela inaugurou em 1961 (foi a primeira TV do Pará) para ser “locutor de cabine” de início (leitor de comerciais dos intervalos – ainda não eram gravados), garoto propaganda, tarefa que eu dividia com o colega e amigo José Sarraf Maia, uma das mais bonitas vozes do radialismo brasileiro (o

Cid Moreira, em se tratando de voz, ficava no chinelo do Maia), com 18 anos substituí o locutor Habib Frahia Neto na apresentação do principal jornal da TV, o que faz muita gente acreditar que eu talvez tenha sido o mais novo apresentador de telejornais do Brasil — eu tinha 18 anos.

E era o principal jornal, o Factorama. Aliás, eu dizia na brincadeira que quando eu aparecia a audiência batia nos inacreditáveis 100% dos aparelhos ligados. Claro que não lembrava que a cidade só tinha um canal. Nos comerciais que fiz, ficou famoso um que lançou no mercado paraense o freezer, comercial feito “ao vivo” (ainda não havia gravação de comerciais) e várias vezes ao dia tinha de ir nos estúdios com os colegas Wladimir Conde e Adwaldo Castro sentados na tampa do aparelho falando maravilhas do mesmo. Ao final eles abriam a tampa, eu saía de dentro e dizia “o freezer é tão espaçoso que nele cabe até um carneiro vivo, mesmo que este tenha 100 quilos”. Foi um furor, e durante algum tempo todo dia, várias vezes, o Carneiro saía do freezer. O cachê foi ótimo.

Um outro episódio diferenciado vivido na TV: dos tempos do Mosqueiro, conheci um cidadão chamado Mário Coelho. Ele era muito gordo, mas era de uma agilidade inacreditável para o seu tamanho, e um grande pé de valsa. Com o tempo ele engordou mais ainda, e recebeu o apelido de Cuia, transformando-se no maior Rei Momo do carnaval paraense de todos os tempos, até hoje não suplantado. Não nos tornamos amigos na acepção do termo, mas o passado comum, o fato de eu trabalhar em comunicação e a empresa onde eu trabalhava ser uma das suas patrocinadoras, a Celpa (a verdadeira), fazia com que ele, ao se aproximar o carnaval, me procurasse na empresa para renovar o patrocínio, e ia à minha sala, onde

passávamos longo tempo conversando. Mesmo fora do carnaval ele me telefonava e dizia, caçoísta: “Orlandinho (conhecia a família do Mosqueiro), eu vou aí conversar contigo.

E eram muitas risadas deste sujeito bom de papo e de grande *savoir faire*. Apesar de seu tamanho, alto (bem alto) e gordo (bem gordo) ele andava numa pequena lambreta, a maioria das vezes com seu filho sumido na garupa — a gente só via o filho depois que lambreta passava. Ele me contou que quando passava pela Escola Normal, as meninas normalistas gritavam “Cuia, quanto tu pesas” e ele respondia “pergunta para a tua mãe”. Certa manhã, numa destas visitas, conversamos lembrando ou inventando *causos* e ele foi embora. Quando cheguei à Tv, no fim da tarde, para apresentar o jornal, tomei conhecimento que ele era todo dedicado à morte do Cuia: ele havia tido um infarto fulminante tão logo chegou em casa. Ao ler o jornal, *no ar*, nas últimas palavras informavam que o filho, o da garupa da lambreta, estava hospitalizado, engasguei e não concluí a leitura do texto, ficando calado de cabeça baixa — episódio aliás lembrado pelo à época diretor da TV Marajoara, Waterloo Assis, no livro da História da TV no Pará, publicado pela TV Liberal.

Dei muita sorte de entrar num mundo mágico: a comunicação. Sempre digo que o final de um projeto, dia de trabalho, reportagem, enfim, atividades inerentes à profissão, a comunicação não desemenda, fazendo com que não haja rotina no setor, pois amanhã começa tudo de novo, e talvez seja a atividade com maior índice de análise e julgamento permanentes por parte do público. *Desemenda* era uma palavra sempre

proferida pela minha mãe na frase o *“trabalho da dona de casa não desemenda”*.

Fui apresentador de jornais na Marajoara durante 15 anos, até assumir a presidência da Funtelpa, (Fundação de Telecomunicações do Pará), convidado pelo Governador Aloysio Chaves, e lá fiquei durante 10 anos, de 1977 a 1987, tendo sido o seu primeiro presidente. Ao sair da Funtelpa, voltando para a CELPA (a verdadeira), montei o Museu da Eletricidade do Pará, que foi destruído pela empresa que, dizem, comprou a maior empresa do Pará. Tive convites para voltar à TV, mas preferi ficar mais em casa, ler e escrever mais, curtir mulher e filhos. Praticamente todas as funções que exerci eram ligadas à comunicação e de uma certa forma consequência daquele 6 de junho, que neste ano de 2019, em que escrevo estas sinceras linhas, marcam a chegada de 60 anos de profissão. Benza Deus.

Em rádio e TV, todo encontro da categoria resultava em muitos risos e histórias entre humor, seriedade e saias justas. Eu sempre ilustrava a outros grupos como é trabalhar em comunicação, narrando um episódio que se desenrolou em 1965, num sábado, em que eu passeava na João Alfredo, no principal programa dos jovens daquele tempo, (o chamado “footing”) com a minha namorada, Nádia Moraes Rego, e fui encontrado para entrevistar um jovem cantor que estava na rádio em que eu trabalhava (era na Frutuoso Guimarães o estúdio). Fomos para lá, a Nádia e eu, e nos trancamos com o jovem cantor no estúdio da emissora, das 13 às 14 horas, ocasião em que eu o entrevistei em meio às músicas que iam “ao ar”. Durante a execução das músicas, o papo corria solto e agradável

no estúdio. Ao final, nos convidou para almoçar com ele, mas agradecemos e nos despedimos. Sim, recusamos o convite do jovem. Nome do cantor: Roberto Carlos. O próprio.

A vida do radialismo me deu grandes alegrias: conheci quase todos os meus ídolos, quer em rádio, quer na TV, além de uns chatos de galocha. Se houvesse *selfie* naquele tempo. E viva a comunicação, mundo diferenciado mas de uma importância cada vez maior na vida de todos. Hoje, mais que nunca, é preciso ficar atento às modernidades tecnológicas que se sucedem em velocidade estonteante, muitas delas embutidas num celular, esse instrumento que, já disse alguém cujo nome não cito quem por desconhecer o autor, *“aproxima os distantes e afasta os próximos”*.

A VIDA MUDA DE FOCO

Se este texto fosse dividido em capítulos, eu diria: *“Fim da Primeira Parte”*, Mas não é. A vida seguiu, crescemos e multiplicamos, os Carneiro da Conselheiro. Meu irmão casou com Zuleika, uma professora paulista que conheceu quando trabalhava na Serra do Navio, Amapá. Com ela, teve três filhos, Américo Júnior, Enid e Cristiane. Depois casou com Aparecida, de São Paulo, e com Rose, paraense mesmo, com quem teve mais uma filha, Ingrid.

A irmã casou com Brahim Bitar, e teve três filhos, Célia Maria, Alberto e Renata Maria. Eu casei com Nádia Moraes Rêgo e tive dois filhos: Daniela e Alfredo. Para a constituição de uma família que se assentasse em base sólida que desse aos seus integrantes a alegria da interação sincera, duas sortes: a minha benquerença com o meu sogro, Alfredo Moraes Rêgo, que num discurso na Celpa (a verdadeira), onde era diretor, citou a minha presença (eu era Presidente da Funtelpa) como sendo o seu *“irmão mais velho”*, e a relação da Nádia com a minha mãe, em que as duas não escondiam o carinho recíproco de uma pela outra. Isso facilitou as coisas.

Quando a minha irmã casou, continuou a morar na casa da Conselheiro. Eu fiquei mais um tempo com eles, até casar. Com o paulatino aumento da violência, morar em casa — que pena! — tornou-se uma quase aventura, o que resultou num crescimento da oferta de imóveis em edifícios, inclusive atraindo os Bitar, Brahim, maninha e filhos para residir

em um apartamento na Serzedêlo Correia. Com eles, a mamãe. Foi a hora de saírem todos da Conselheiro Furtado.

Antes, houve o episódio da construção de um prédio no lugar das duas casas que nos primeiros tempos desta narrativa começaram a saga da Conselheiro como sendo do meu tio Américo: a que ele morava e a que ficava entre esta e a dos Carneiro e que passou a ser da filha mais velha dele, a Deusélia. Ao adquirir as casas do tio Américo, a construtora (era a Encol, então consagrada como grande construtora) se deu conta que seria interessante adquirir a da minha mãe, para ter espaço suficiente para um condomínio, com os quintais permitindo um projeto sofisticado, de luxo, e começou uma ofensiva muito grande para efetivar a referida compra. As propostas iam crescendo, mas a dona Célia estava irredutível: não queria se desfazer do patrimônio que para ela representava a concretização de um sonho do marido e dela.

Apesar da pressão, mantivemos a vontade da mãe e a construtora acabou alugando a casa, agora vazia, para seu apoio administrativo. Com o passar do tempo, e cada um sedimentando suas vidas nos seus espaços próprios, a casa passou a ser um quase estorvo, pois ninguém da família a queria, e o aluguel era irrisório pelo mesmo motivo que não a queríamos mais: a sensação de insegurança. A minha mãe se convenceu que era melhor vendê-la, o que acabou sendo feito, na talvez última ação consciente dela: pouco depois ela teve o AVC que a deixaria paralisada por cerca de dois anos antes da sua partida. Mas antes, houve um episódio que registro aqui.

Eu estava com uns 9 ou 10 anos, e a família conversava no terraço da casa da Conselheiro e o meu pai falou que ia sair, pois um vendedor de sucata de demolição, seu amigo, comunicara que havia chegado no seu comércio uma castanhola, ou castanha, não me convenci destes nomes (aquele enfeite redondo ou oval que era colocado no telhado das casas para embelezá-las), e que ele havia guardado, pois sabia que há muito o “seu” Orlando procurava por uma. (O passado sussurra que não é nem castanhola nem castanha o objeto: é *pinha*). Quando chegou o carro de praça, ele se virou para mim e perguntou se eu queria ir. Fomos.

Estão vivas no meu pensamento as expressões de uma felicidade contida à força do meu pai, quando voltamos. Ele disse que queria uma mais enfeitada, mas era tão difícil conseguir que aquela serviria — este fato foi ou no final da década de 40 ou início da de 50 do longínquo Século XX. Contratou operários e observou a colocação do enfeite. Para mim, aquela *pinha* a era a cara do meu pai. Quando a casa foi vendida, eu mandei retirá-la, bem como a placa com o número 616 que identificava a casa, e que ele igualmente providenciara. Hoje enfeitam a sala do apartamento onde moramos, a Nádia e eu, um pedaço da Conselheiro que me acompanha. Talvez a peça seja realmente simples, mas é uma valiosa ponte que me liga ao passado, mas enquanto eu estiver por aqui ela estará comigo.

2001 foi um ano que eu identifico de tsunami na minha vida: no espaço de um mês eu perdi a mãe e a irmã. Certo que à mãe o melhor era partir, pois pela idade e alheamento do que se passava ao seu redor, seria egoísmo querer que ela, próximo aos 95 anos, continuasse entre nós. Tenho a

consciência e a tranquilidade de reconhecer que ela foi tratada com respeito e dignidade até o final de sua vida.

A irmã foi acometida por um câncer de mama, o que mais mata as mulheres do Brasil e o que mais tem armas para ser combatido se precocemente diagnosticado. Quando a minha irmã definhava rapidamente, eu disse a ela que se ficasse boa mereceria uma boa admoestação por ter deixado de fazer um ano a mamografia que todo mundo sabe ser necessária, esquecendo um ensinamento materno: *cuidado que o diabo atenta*. Não é questão de percentualizar, pois com a vida tem-se que apostar exclusivamente na prevenção, e não esquecer que, como digo sempre, na frieza dos números, o um não deixa o noventa e nove ser cem. Foi um período de muito sofrimento para ela e os que a amavam. Pouco tempo depois ela partiu.

Ah, antes que me esqueça: o episódio que citei lá atrás, do prêmio que minha mãe recebeu como normalista, Samuel Mac Dowel, e que eu soube sem que ela jamais nos tivesse contado foi o seguinte: eu trabalhava na Secretaria de Estado de Educação e Cultura, e fui para uma cerimônia na Escola Normal. Vi numa parede três fotografias de jovens uniformizadas, com moldura na forma então tradicional, que era oval. De repente, achei que o rosto de uma das jovens era extremamente familiar, e fui ler a plaquinha que estava na parte de baixo da moldura: Célia Martins Mendes. Era a minha mãe, com o nome de solteira!

Perguntei a alguém da Escola Normal o motivo de estarem aqueles quadros ali e me foi explicado: aquelas jovens tinham sido premiadas por

tirarem o primeiro lugar nas suas conclusões de curso para professoras normalistas, em anos diferentes, com nota 10 na prova final. O prêmio, entre outros reconhecimentos, oferecia a possibilidade de a premiada escolher a escola onde queria ser lotada. Acontece que alguém da prefeitura estava na cerimônia e perguntou se a minha mãe não queria uma colocação nos quadros do município, no departamento de ensino, que pagava mais que o salário de professora. Convite aceito, ela foi trabalhar numa sala em conjunto com o setor de compras. O meu pai, como comerciante, ia fazer vendas para a prefeitura, e lá eles se conheceram. Um dia, ele deixou um envelope na mesa de minha mãe. Pensando que se tratava de assunto profissional, abriu o envelope e encontrou o seguinte bilhete: *"Só fica solteira quem quer"*. Foi assim que tudo começou.

"Mãe, o que é ser velho, após se despedir de toda a sua geração?" Só ela e uma cunhada que morava no Rio, tia Mariazinha, remanesciam da família de tantos irmãos e cunhados. Ela como sempre ficou calada por algum tempo, e depois sentenciou: *"A vida muda de foco"*. E explicou: *"hoje estou rezando para que os meus netos tenham sucesso nas provas de fim de ano que se aproximam, pois eles são muito estudiosos"*.

Depois da morte das duas, ficamos meu irmão e eu. Ele morava em Salvaterra, ponto de partida da sua última atividade profissional. Uma vez por mês ligava dizendo que vinha passar o fim de semana comigo e batíamos longos papos descompromissados.

Ele resolvera voltar para São Paulo, onde viveu quase toda sua vida profissional. Sempre que ele tinha uma viagem, eu o levava para o aeroporto e o deixava e ia tratar dos meus quefazeres, sem descer para a espera da chamada para o voo. Desta vez foi diferente: estacionei o carro, ele despachou a bagagem e fomos para um café em frente a uma livraria. Ele comprou um livro, ou revista, sei lá, sentamos por um tempo, conversando, como sempre animadamente, (ele era um excelente “papo”), até que ouvimos o chamado para o voo. Fui até a porta de entrada para a área que antecede ao acesso à esteira que leva ao avião, e nos despedimos com um abraço, coisa que não era comum em nós. Ao passar pela revista, ele virou, bateu com a mão na calça, como fazem os militares antes da continência, ao se apresentarem a outros oficiais, (resquício de seis anos de estudo em escolas militares) deu um sorriso, acenamos com as mãos uma despedida e ele sumiu da minha vista.

Foi a última vez que nos vimos. Todo domingo falávamos ao telefone, passando em revista os acontecimentos da semana, incluindo a rodada do futebol, apaixonado que era pelo São Paulo (clube), cujos jogos acompanhava sempre. Aliás, tem um episódio que quando conversávamos com mais uma pessoa eu gostava de contar.

Eu estava passando uns dias em São Paulo, e o mano e eu resolvemos ir a uma exposição de cachorros — eu e ele sempre gostamos de animais. A exposição, como as que acontecem em São Paulo, era bastante abrangente, com cães de todas as raças em exposição e venda, e outros passeando com orgulhosos donos em um espaço enorme, estrutura para fazer a remessa de filhotes para qualquer cidade brasileira. Depois de

muito andar, um banco tipo de praça pública estava vazio e nele sentamos. De repente entra o ex-jogador Careca, um dos ídolos do meu irmão, e fica bem na nossa frente. Falei baixo para ele: *“olha o Careca”*. Ele procurou, procurou e não achou. E eu sempre dizendo: *“o Careca, mano”* até que ele, meio agastado, perguntou em voz alta: *“que Careca, porra”*. Eu respondi: *“o Careca jogador, teu ídolo, aqui na frente, porra”*, (Não se assustem: estes *porras* eram muito carinhosos). O Careca, que não era careca, deve ter compreendido a situação, olhou para nós e riu. O mano ficou vermelho da base do pescoço até... a careca pois ele sim, era careca.

Em São Paulo ele teve um AVC e morreu pouco depois, cercado pelo carinho da Cida (Aparecida), que ganhou a minha eterna gratidão, em uma cidade do interior de São Paulo.

FELICIDADE

Muitas vezes nós teorizamos o conceito de ser feliz, algo que pode ser distante da realidade que vivemos. O mundo está superlotado. Nas pirâmides, o topo é muitas vezes menor que a base. Chegar ao topo, poucos conseguem esta façanha. Não adianta assumir como meta de vida só alcançar a felicidade se atingir um determinado destaque: poucos conseguirão.

Olhando a minha caminhada, vejo que fui e sou feliz, ultrapassando as armadilhas e lombadas que a vida a todos reserva. Claro que a vida reserva sucessos e fracassos, vitórias e derrotas, mas o conjunto me foi sempre favorável. Ter os pais que tive, os irmãos que a vida me reservou, os familiares, amigos fiéis, só gente fina, deram cor à minha vida, complementada pela parcela que vivi na casa da Conselheiro.

Ser casado desde 1969 com a minha mulher, Nádia (com os 4 anos de namoro e noivado se vão 54 anos, que bom), numa união tranquila e amorosa, em que eu nutro por ela um carinho e reconhecimento muito grandes, além de uma admiração sincera por ela ser quem e como é, passe o tempo que passar, ter os filhos que tenho, Daniela e Alfredo, bem como o neto, Tomaz, gente fina, a cara do avô-eu, pode crer, genro, Jean Michel, gente boa, nora, Priscilla, quase filha, tudo se encaixou para fazer da minha vida a certeza que era esta mesmo que eu queria, sem ter que imaginar ser melhor se diferente.

A morte é sequência e consequência da vida. Todos os que nascem para ela caminham, isto é o *óbvio ululante*. (Expressão cunhada por Nelson Rodrigues, para dizer que algo é tão óbvio que ulula). Ela é uma condição humana, a partir do reconhecimento bíblico do Livre Arbítrio. É doída? É, com certeza. Mas não pode ser evitada. Eu digo sempre que só não envelhece quem morre. Em contrapartida, quem não morre, envelhece. No dia do enterro da minha mãe, na mesma sepultura em que há 43 anos havia sido enterrado o meu pai, veio-me um pensamento que os representava: *“Enfim, Juntos”*. Eles muito mereciam um reencontro após cumprirem seus destinos.

A vida, definitivamente, mudou de foco, ainda que eu sempre tenha uma lágrima de saudade e ternura para os outros Carneiro que integraram uma família unida na Conselheiro Furtado 616, no bairro de Batista Campos, em Belém do Pará, Brasil. Os focos que me cercaram e cercam sempre resultaram num balanço positivo das alternâncias da minha vida. A felicidade não precisa de grandiloquência, fama, fortuna e reconhecimentos de segmentos humanos diferenciados. Ela pode, sim, ser simples.

A ausência de quem se quer bem e testemunhou caminhos faz com que se perca pontos de referência importantes, mas é assim que as coisas se processam. Eu sou o último Carneiro da Conselheiro.

GALERIA DE IMAGENS



1. **Canto superior esquerdo:** Célia e Orlando Carneiro com sobrinhas.
2. **Canto superior direito:** Célia e Orlando Carneiro.
3. **Abaixo:** Célia com seus irmãos e cunhadas no pátio da casa da Conselheiro Furtado (Orlando Carneiro logo atrás dela).



1. **Lado esquerdo:** Célia e Orlando Carneiro ao lado seu irmão Fernando, esposa e filhas. Na frente de Célia, de vestido escuro, sua filha Rosa Maria.
2. **Lado direito:** dois momentos dos irmãos Rosa Maria e Orlando Carneiro. A foto de baixo foi tirada na frente da casa da Conselheiro Furtado.



1. **Ilustração da Fábrica da Palmeira**, citada na página 28. Produzia pães, biscoitos, massas e doces. Ocupava uma área de 15.000 m² entre as ruas Paes de Carvalho (atual Senador Lemos), Lauro Sodré (atual Ó de Almeida), Padre Prudêncio e Travessa Primeiro de Março. Fonte: Belém da Saudade (SECULT-PA: 2014).
2. **Ônibus Zepelin**, citado na página 36.
3. **Navio Presidente Vargas**, o “Titanic Marajoara”, citado na página 31. Fazia a viagem Belém-Mosqueiro-Soure.



Os três Irmãos do casal Orlando e Célia Carneiro

1. **Lado esquerdo:** Rosa Maria e Orlando Carneiro.
2. **Lado superior direito:** Formatura Militar de Américo Carneiro (o “Bequinho), acompanhado de Célia Carneiro.
3. **Lado inferior direito:** Américo Carneiro.



Colação de grau de Orlando Carneiro, acompanhado de Célia Carneiro.



Três momentos da vida profissional de Orlando Carneiro

1. Início da carreira de radialista.
2. Entrevistando os governadores Mauro Borges (Goiás) e Aurélio do Carmo (Pará).
3. Apresentador do Jornal da TV Marajoara.



Casamento de Rosa Maria

Ao centro: Rosa Maria e Brahim Bitar.

Lado Esquerdo: Orlando Carneiro.

Lado direito: Nádia Ferreira de Moraes Rêgo, noiva e futura esposa de Orlando.



Última foto de Célia Carneiro com os três filhos reunidos.



Relógio da casa da Conselheiro, citado no prefácio.



Foto recente (2021) da Casa da rua Conselheiro Furtato, 616.



Livros publicados por Orlando Carneiro.



Livro **"Marcas do Tempo"**, editado em parceria com a Secretaria do Estado de Cultura do Pará, destacado com um Prêmio Jabuti na categoria Projeto Gráfico (2016). Último projeto em que Orlando Carneiro participou.

TEXTOS SELECIONADOS

Crônicas publicadas em jornais e selecionadas por
Orlando Carneiro para esse livro

O NAVIO PRESIDENTE VARGAS

MOSQUEIRO, ENCANTOS E RECANTOS

MINHA MÃE E SEUS MÉTODOS DE CURA

O NAVIO PRESIDENTE VARGAS

Eis que o passado volta à tona trazendo consigo o Navio Presidente Vargas. Ah, o Presidente Vargas. Minha infância foi dividida entre Soure e Belém, saindo do galpão Mosqueiro/Soure. Havia o frenesi da viagem, a companhia da família, a ansiedade das férias ou do fim de semana. Navios eram substituídos, teve até uma chata, a “Fortaleza”, que era chata para caramba, até que chegou o Presidente Vargas.

Ah, o Presidente Vargas. Frota branca. Bonito, imponente, rápido. Piso feito de raiz de paxiúba, concreto abençoado por Deus para ser tão duro e imputrescível. Dizem que, por ordem de alguém que podia ordenar e ser obedecido, a velocidade do navio foi propositadamente maneirada, pois as marolas que fazia ao correr a plenas máquinas, viravam marolões e chegavam a barrancos lá longe, chegou até, que tal, a derrubar casa de palafita antes inexpugnável em uma ribeira.

Em nome de marolas enormes, diziam, velocidade menor. Sei lá se é verdade, mas que se ouviu, se ouviu. E se hoje, liberdade opinativa, se esconde e escamoteia informações administrativas, imagina se naquele tempo se ia dar satisfação a quem quer que fosse. Nem de aprisionamentos, quanto mais de velocidade de navio.

Pois eis que o seguro, o veloz, o bonito, foi a fundo. Assim, lentamente, com gente com vontade de segurá-lo com as mãos para que ficasse à espera de socorro, contaram as testemunhas. Com lágrimas dos que compreendiam que sem ele seria muito, mas muito pior. Aliás, porque afundou um navio daqueles, todo moderno, recém-saído de uma

manutenção, diziam, completa? Ora, se ninguém falava sobre marolas resultantes de velocidade maior ou menor, quem iria explicar porque afundou um navio construído lá longe, feito para boiar, que atravessara oceano, o que seria uma baiazinha para fazer algum mal àquele navio.

Pois o escamoteamento de informações fez grassar uma versão: na tal manutenção, não haviam colocado direito o sistema de propulsão, ou as hélices, sei lá (testemunho 50 anos depois é dose para elefante, não para Carneiro) que se soltara, permitindo que a água entrasse e afundasse a belonave. Depois, outra lambança: teriam que injetar 12 toneladas de umas bolinhas tipo isopor (tinham um nome, mas esqueci), só mandaram 8, injetaram as ditas, ficaram de mandar as demais, não mandaram, as injetadas antes da chegada das outras arreventaram o tamponamento feito para segurá-lo, fugiram as bolinhas de isopor e mais uma vez a burrice humana deixou afundar de vez o navio orgulho da ligação com dois dos potencialmente grandes polos turísticos do Pará: Mosqueiro e Soure.

Quando eu, um apresentador de jornais de TV, cheguei à estação, (era um domingo) após um dia meio desligado, fui tomar conhecimento inicial das notícias e soube que era, praticamente todo, baseado na funesta notícia do afundamento do navio Presidente Vargas. Chorei lágrimas discretas, pois percebi que o meu passado, em grande parte, afundara naquele domingo de 1972.

MOSQUEIRO, ENCANTOS E RECANTOS

Mosqueiro dos anos sei lá (já são tantos os que separam o meu ontem do meu hoje que muita coisa tem que ser pesquisada para ser precisada) era, como sempre, um paraíso na terra, e isto já desde antes, desde o tempo dos índios tupinambás, passando pelos ingleses que iam para aquela ilha do “moqueio” de peixe, também chamado de peixe moqueado. Moqueado: assado no Moquém. Moquém: do tupi moka’ê, grelha de madeira usada para assar peixe, que lhe deu o nome (nada de ligação com a mosca).

Na minha vida, Mosqueiro foi um tempo depois de Soure, quando meu pai construiu uma casa no Ariramba, batizada de “Rosa Maria”. O transporte era o mesmo, tanto podia ser o Almirante Alexandrino, do qual as lembranças são confusas e difusas, a chata Fortaleza, esta bem nítida e que eu achava que era chata não por causa do casco chato, mas porque era lenta demais, o Presidente Vargas, afundado na frente de Soure levando para o fundo do rio um tempo bom.

O Mosqueiro dos anos tantos era diferente. Melhor? Pior? Diferente. Claro, os tempos são outros, não haveria como inserir uma época, com seus costumes, em outra. Obviamente os jovens de hoje, que vão atrás dos trios elétricos, achariam “um saco” o tempo do meu tempo, e muitos dos daquele tempo poderiam se atarantar com os decibéis de hoje. No meu tempo havia muitas barreiras que deveriam ser derrubadas no caminho à liberdade, se hoje há menos barreiras, a grande batalha se desenrolou ontem. Cada tempo é cada tempo.

Mosqueiro tem uma característica, que é a multiplicidade de recantos e encantos. São 18 praias fluviais, o lugar onde “o rio faz ondas”. Praias para todos os gostos, com todas as formações e curvas que se pode encontrar em praias. Hoje, na sua maioria, postes iluminam o serpenteado das enseadas. No tempo do acesso unicamente pelo trapiche, era tudo escuro, mas andava-se só ou andava-se em turma por praias infindas e não apareciam facas ou revólveres para interromper caminhadas ou vidas, não se encontrava balas porque elas não eram perdidas.

Havia uma quase ingenuidade, tinha-se mesmo que ter muito cuidado no que se fazia. Se algum se “empolgava” ou “não se segurava”, a notícia corria célere: algum abusado fez mal a uma desprotegida e as sanções eram pesadas. Ninguém perguntava “namoro ou amizade”? Era “casa ou vai preso”? Os deslocamentos pelas tais 18 praias fluviais eram a pé, ônibus escasso, bom mesmo era bater pernas, ver e ser visto.

Programação era ir todo mundo à tarde para a vila, de bicicleta, a pé mesmo, nos escassos ônibus ou nos carros de praça, também poucos, e muitos com fregueses marcados. No trapiche, havia os carregadores, muitos fiéis a donos de casa que vinham sem erro para finais de semana, principalmente se prolongados, e para as férias familiares.

E havia a vaia. No trapiche se formava um verdadeiro “corredor polonês”. Nada da violência de hoje, mas uma demonstração de coragem e ousadia dos jovens que se insurgiam contra as castrações da época. Os que saltavam do navio eram recebidos com uma grande, estonteante, estrepitosa vaia. Podiam ser senhores e senhoras da mais alta respeitabilidade, chegando com suas camisas sociais ou vestidos longos, podiam ser jovens, não importava: a vaia era direta, alta, os risos caçoístas

acompanhavam a vaia e os que vinham pelo “corredor polonês” do trapiche tinham que “segurar as ancas” para não pagar mico.

Quantas vezes eu vi o constrangimento no rosto do meu pai, face avermelhada chamando mais vaia, porque quanto maior o constrangimento maior o barulho. O emocional do meu velho, de quem até hoje tenho a impressão que sempre fez tudo certo durante toda a vida, ficava totalmente avariado. Mas as vaias da vila eram folclore, eram sadias, a gente ria das reações dos outros que muitas vezes paravam e se juntavam logo aos “vaiadores”, numa boa.

Hoje, não fariam sentido, pois na primeira vaia surgiria um porradal generalizado, um quase conflito, notícias de mortes não confirmadas. Não vivo no passado, mas neste aspecto, afirmo: que pena, como a violência ficou tão banal! Uma coisa eu digo: ah, aquele maiozinho inteiro, com uma saia na frente, que as meninas do meu tempo usavam, parece ridículo à luz dos tempos modernos.

Cada tempo tem os seus encantos, o negócio é identificá-los. Mas o Mosqueiro apresenta uma grande vantagem: as 18 praias têm sempre o recanto da emoção e do perfil de cada um.

MINHA MÃE E SEUS MÉTODOS DE CURA

Minha mãe só queria o bem dos filhos: isto é uma constatação unânime. Seus métodos de cura, arraigados na família, eram, porém, de um (hoje pensam assim) sadismo infindo. Um: “curar a garganta”. Quando gripávamos, meus irmãos e eu, (éramos três: dois meninos e uma menina) escondíamos a tosse, por pensar que ela deflagraria o processo da cura. Assim: o dedo indicador da mão direita envolvido num algodão, uma gororoba a molhá-lo, e o dedo entrava pela boca e ia, acho, que até o esôfago.

Até hoje lembro da minha mãe, que nestas horas, para mim, criança, parecia uma bruxa malvada, nariz adunco e chapéu apropriado à imagem feita, (um funil alto e uma aba mole) vindo, (e aí teatralizo uma mentira), após saltar de uma vassoura, às gargalhadas, com o seu dedão algodado perscrutando nossas gargantas. Depois, retomava o ar angelical e ficava acarinhando os filhotes chorosos.

Era a sua porção anjo que suplantava em muito a da bruxaria. Mas havia outras horas em que a bruxaria a travestia na figura assustadora. Uma era o tal de sinapismo. Ah, o sinapismo. O seguinte: uma toalha bem aquecida, no limite da suportabilidade, era jogada no tórax dos que estavam com “tosse de cachorro”, ou “de guaíba” (já foi extinto este macaco?), e havia, dizia ela, a necessidade de soltar o catarro dos pulmões para que eles não fossem acometidos de uma doença, à época, da maior gravidade, a pneumonia, quase mortal, ou a outra, a tuberculose.

Depois, jogava uma rede em cima da toalha quente dos “sinapismados”, e a gente pensava que ia derreter na cama, a toalha quente sobre o tórax inteiro, a rede colocada como coberta nos remetia ao deserto do Saara, assim por volta do meio dia. Era um suador danado. Como a catarreira soltava dos pulmões, era hora da cura com o dedão da mão direita.

Outra coisa que reunia em uma só pessoa a bruxa e o anjo na minha mãe era o mertiolate. A mãe passava o líquido nas perebas. Parece que tinha álcool no tal remédio. Ardia como ardido jamais se assemelhou até hoje. Depois do remédio, a minha mãe soprava para apressar a gaseificação (égua!) do possível álcool. E o fazia com extrema bondade, a bondade que só as mães predestinadas à maternidade têm.

Depois de décadas curando as perebas, descobriram os neocientistas que ele não tinha estas bolas todas e alteraram a fórmula, tirando de vez o álcool: hoje não arde mais, mas não tem mais graça nenhuma, e nem pensar em soprar perebas: pode, diz-que, contaminá-las, imagina se o sopro da minha mãe contaminava alguma coisa, estamos, meu irmão e eu, aqui, vivos, para provar que ela não contaminava nada: curava os filhos, isto sim e ora bolas. Acho até que o ardido acelerava a cura pelo psicológico. Sem ardido, virou água. Sem a mãe, não tem graça alguma.

E o arremate? Havia um tal de óleo de fígado de bacalhau — até hoje nutro um ódio velado pelo abestado que na imagem da lata do óleo carregava nas costas um peixe quase do tamanho dele, ele que hoje poderia processar os pais por estar praticando trabalho infantil escravo. Não sei se o moleque já morreu, acredito que sim, pois era mais velho que eu, a não ser que ele tenha virado farelo de peixe.

Mais: tem uma discussão besta da inexistência do bacalhau, enquanto peixe, pois seria um processo, não um animal marítimo. Mas quando. Eu nunca esqueci da cara do abestado que carregava, nas costas, um peixão enorme, pouco menor que os nossos pirarucus, nem da cara do bacalhau. O bacalhau era, ao que parece, apenas para abrandar o fato que íamos ter que engolir óleo e mais óleo, de fígado, e de peixe. Toda casa tinha, era milagroso. Outro dia eu estava conversando com meu irmão e lembramos nossa mãe e seus métodos de cura. O que começou como amenidade, terminou numa sessão de nostalgia, com direito a discretas lágrimas. O pai havia morrido quando éramos bem jovens, a mãe ficou com a responsabilidade de tocar a vida com os três filhos.

Hoje, mãe e irmã já se foram, deixando uma saudade, anos após, acomodada, que jeito, mas ainda doída. Os métodos e medicamentos mudaram. Eu, que hoje tenho direito à fila dos idosos, gostaria de estar na fila dos infantes irmãos que iam ser curados pela minha mãe, anjo de bondade que se travestia em bruxa do bem para curar seus filhotes, razão da sua existência terrena. Que bom que fomos gerados e criados em outra época, hoje provavelmente a minha mãe, a “santa doméstica” da minha predileção, seria presa como torturadora de filhos, com direito a ser notícia nos jornais da TV, com a leitura compungida dos repórteres que leriam com certo desprezo a notícia da prisão da mãe agressora, que agredia os filhos empurrando o dedo goelas abaixo e passando remédio com álcool nas perebas, além de submetê-los à “tortura” de métodos exóticos para a cura de uma catarreira.

Nestas horas eu gostaria de acreditar em muita coisa, para ter a certeza que ela continua espalhando a sua bondade em outras dimensões, tendo

ao lado o seu amado Orlando, meu pai, e a minha maninha, a mais irmã de todas as irmãs que conheci, Rosa Maria, cúmplice das nossas peraltices e vítima dos métodos que nos curavam mais que esta parafernália prescrita pelos médicos às crianças de hoje.